A casa do Sol: A restauração botânica e arquitetônica como iniciativa de valorização do patrimônio cultural campineiro

Palavras-Chave: Casa do Sol; fenomenologia; patrimônio.

Autores:

Laura Cristina Gonçalves - IG / UNICAMP

Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos Alves (orientador) - IG / UNICAMP

Introdução

A relação entre patrimônio e sentido é um tema central na discussão sobre a preservação cultural. O patrimônio não se define apenas por sua materialidade (um prédio, uma obra de arte), mas pelo sentido que a sociedade atribui a ele. É essa conexão emocional, simbólica e histórica que o torna valioso e digno de ser preservado. Um monumento pode ser preservado por seu valor arquitetônico, mas, para a população local, ele pode representar o local onde as pessoas se encontravam, o cenário de festas, celebrações e revoluções. O sentido que ele carrega para as pessoas, as memórias e as emoções, é o que o torna um símbolo de sua identidade. Desta forma, uma cidade e sua história permanecem vivas, para que a sociedade resgate de maneira acessível.

O patrimônio não é uma peça de museu estática. Ele é um elemento vivo que se conecta com o passado, mas se manifesta no presente. As festas populares, as tradições gastronômicas e as manifestações artísticas são exemplos de patrimônio imaterial. A preservação do patrimônio cultural deixou de ser uma tarefa meramente técnica - restaurar uma estrutura, catalogar um objeto - e se tornou um processo de gestão de significados. Um objeto ou lugar se torna patrimônio quando uma comunidade o faz importante ao passar do tempo, destarte, formalizando legalmente com o espaço urbano e suas transformações. A atribuição de sentido ao patrimônio não é um processo fixo, ele pode ser contestado, desconstruído e reconstruído ao longo do tempo. Um exemplo claro disso é o debate em torno da preservação de monumentos ligados a períodos de opressão ou escravidão.

A preservação não se trata apenas de manter tijolos e paredes intactos, mas, sim, de conservar a identidade que esses espaços carregam para as pessoas, sejam eles individuais ou coletivos. A Casa do Sol, morada de Hilda Hilst, é um exemplo de como essa relação se manifesta.

Hilda Almeida Prado Hilst, filha de Bedecilda Vaz Cardoso e Apolônio Almeida Prado Hilst, nasceu em Jaú no dia 21 de abril de 1930. Apesar de ter estudado em colégio católico em sua infância no interior de Santos, Hilst viveu a maior parte de sua juventude em São Paulo, onde formou-se na faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP). Lá conheceu Lygia Fagundes Telles, que viria a ser sua amiga até o dia de sua morte; também iniciou-se na poesia com o livro *Presságio*, e escrevendo para jornais locais, sendo, assim, aclamada pela crítica e mostrando uma nova forma de personalidade feminista e intelectual para os anos 1950. Foi o poeta e grande amigo de Hilda, Carlos Maria Araújo, que a presenteou com a obra "Carta a el Greco", de Níkos Kazantzákis. Esta obra foi fundamental para que a escritora tivesse uma epifania sobre sua vida e resolvesse construir uma casa para viver seu grande propósito: ler e escrever. A obra de Kazantzákis conta sobre a jornada de um homem na

descoberta do divino, do profano, da carne, do cerne, da alma, da sexualidade e da deidade, o que inspirou Hilst a seguir sua própria jornada em busca de dedicar-se somente e devotamente à sua vocação de escritora. Hilda Hilst constantemente usa objetos para explorar temas que transcendem o material. Em sua prosa e poesia, um objeto banal — como um espelho, uma parede ou uma fotografia — pode se transformar em um portal para o divino ou para o abismo. Para relacionar a ideia de que o ser humano dá sentido aos objetos com a escritora Hilda Hilst, é preciso mergulhar na profundidade e na intensidade de sua obra. Hilst é conhecida por uma escrita que subverte o óbvio e explora as fissuras da existência, do desejo, da espiritualidade e da linguagem. Em sua obra, a relação entre o ser humano e os objetos não é meramente funcional, é uma via para a manifestação do sagrado, do erótico e do absurdo. A obra de Hilst muitas vezes trata o corpo humano como um objeto de desejo, mas também como um território de dor e êxtase. O corpo não é apenas um recipiente, mas um lugar onde se manifestam as experiências mais extremas da vida. A forma como ela descreve o corpo, em suas relações sexuais ou em sua decadência, revela como o significado do corpo é constantemente construído e desconstruído pela experiência; além de questionar e subverter o sagrado, o divino e o profano.

A fenomenologia em Hilda se dá ao demonstrar que coisas são moldadas e preenchidas por emoções, pela sexualidade, a busca pelo sagrado e o confronto com a morte. Sua escrita não apenas descreve essa relação, mas a constrói, usando a linguagem para dar aos objetos um sentido que é ao mesmo tempo universal e profundamente pessoal. A Casa do Sol não é apenas a residência de Hilda Hilst, é uma extensão de sua própria existência e de sua obra; não é apenas um abrigo físico, mas um espaço de criação, meditação e, por vezes, loucura. A residência também é o repositório de uma miríade de objetos que, longe de serem meros itens de decoração, são carregados de significado. As paredes repletas de fotografias de escritores e pensadores, representando a fantasia de uma contemporaneidade que a escritora buscava, a ideia de estar viva ao mesmo tempo que grandes nomes da literatura e da filosofia. Com todos os seus objetos — a mesa de pedra, os relógios, as fotografias — a estrutura é um testemunho da vida de Hilda, uma biografia materializada. Cada objeto é um fragmento de sua memória, de suas paixões e de sua busca incessante por sentido. Por essa razão, a Casa do Sol se tornou, após sua morte, a sede de um instituto que busca preservar o patrimônio imaterial e o espírito de criação que a casa representa: o Instituto Hilda Hilst.

Fonte: acervo pessoal da autora (2022, 2024)

A visão tradicional de identidade muitas vezes a concebe como um objeto ou uma essência imutável que existe dentro do indivíduo. A fenomenologia, por outro lado, argumenta que a identidade não é algo que se tem, mas algo que se constitui continuamente através das experiências no mundo. O *Eu* como consciência intencional. A fenomenologia ensina que a consciência é sempre intencional, ou seja, é sempre consciência de algo. Isso

significa que o ego não existe em um vácuo, mas se manifesta e se constrói na relação com o mundo. A identidade é moldada pela forma como percebe-se o ambiente, os objetos e as outras pessoas.

Para filósofos como Maurice Merleau-Ponty, a identidade está profundamente ligada ao corpo vivido, que não é apenas um objeto físico, mas o meio através do qual se experimenta o espaço. A identidade se forma a partir das sensações, movimentos e interações que o corpo realiza. A forma como se sente em relação ao corpo, como se movimenta e o percebe, é parte essencial de cada um. Não é uma coisa estática, mas sim uma construção temporal, um projeto que se desenvolve ao longo da vida. A fenomenologia entende a identidade como um processo de vir a ser, onde as experiências passadas, as ações presentes e as expectativas futuras se entrelaçam para dar sentido a quem se é a cada momento. A fenomenologia existencial, especialmente com pensadores como Jean-Paul Sartre, também enfatiza a importância da intersubjetividade na construção da identidade. O "eu" não pode ser compreendido em isolamento; ele precisa do outro. Sartre argumentava que o "olhar do outro" é crucial para a nossa identidade. É através da forma como os outros nos veem e nos tratam que nos tornamos conscientes de nós mesmos. A fenomenologia existencial valoriza a autenticidade como uma forma de viver a identidade. Ser autêntico significa assumir a responsabilidade por escolhas e reconhecer que identidade não é uma essência concreta, todavia um projeto que está em constante criação. A inautenticidade, por outro lado, é a fuga dessa responsabilidade, vivendo de acordo com papéis e expectativas que não escolhemos.

Resultados e Discussão

Em consenso, o criador do termo *fenomenologia* é o filósofo Hegel, mas sua abordagem é muito distinta da que se popularizou no século XX com Edmund Husserl e seus seguidores.Para ele, a consciência individual se reconhece como parte de um todo maior: o Espírito, ou *Geist,* resultado de sua obra mais famosa *Fenomenologia do Espírito*. O Espírito é a consciência coletiva da humanidade, que se desenvolve historicamente. A identidade, para Hegel, é alcançada não no isolamento, mas no reconhecimento mútuo entre as consciências. O objetivo da fenomenologia hegeliana é levar a consciência ao *Saber Absoluto*, na qual ela se reconhece como a realidade e a história que se revelam como o movimento em direção à autoconsciência. Em contraste, a fenomenologia do século XX, inaugurada por Edmund Husserl, tem um propósito e um método diferentes. Ela investiga a estrutura da consciência intencional, ou seja, o fato de que a consciência é sempre de algo. O objetivo é descrever essa relação entre a consciência e o objeto, e não o movimento histórico de um Espírito. Enquanto Hegel vê a identidade individual se dissolvendo no Espírito coletivo, a fenomenologia existencial de pensadores como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty coloca o foco na subjetividade e na existência individual. Para eles, a identidade é um projeto pessoal, uma responsabilidade do ser humano em um mundo sem um sentido pré-definido.

O levantamento e a revisão bibliográficas para a realização da pesquisa foi realizado com buscas de arquivos e materiais em sites acadêmicos, bem como nas bibliotecas da universidade e em acervo pessoal. Além de referências bibliográficas sobre a geografia cultural e de tombamento de patrimônio material e imaterial, analisou-se os documentos de tombamento do edifício, bem como a legislação de Campinas a respeito do seu patrimônio histórico tombado da cidade, valorizando a análise de sua manutenção. Por fim, como objetivo final, a produção de um livro contendo acervo de fotografias da casa antes das obras de restauração, além de estruturação

poética, foi iniciado utilizando câmera fotográfica para retratar o resultado da restauração, como registro de conhecimento imagético do espaço geográfico. O ato de fotografar é uma experiência fenomenológica por si só. É um momento de intencionalidade. O fotógrafo direciona sua consciência para um determinado instante, enquadra uma cena e a captura, ou seja, um instante de duração, um ponto no tempo no qual o passado, o presente e o futuro se encontram. A fotografia, então, se torna a cristalização de uma experiência. Na imagem revive-se não apenas a cena, mas o sentimento, a luz e o instante de sua criação. Evoca a memória da experiência. Na fenomenologia de Edmund Husserl, a fotografia pode ser vista como um noema, ou seja, o objeto da consciência. Não é a realidade, mas a forma como ela se apresenta. A fotografia não substitui a realidade, mas demonstra uma forma específica de percebê-la. A foto da casa não é a casa em si, ela é a casa como um fenômeno – com sua luz, sua perspectiva, seus detalhes – capturada por um instante. O acompanhamento da obra de restauração - em trabalho de campo - para a escrita da pesquisa e a construção do aprendizado científico,além de promover reuniões com os arquitetos responsáveis pela restauração, objetivando entender a proposta da obra, foi realizado periodicamente, alcançando a proposta de documentar o anterior e o posterior, valorizando a preservação do patrimônio cultural.

Fotografias que mostram o antes e o depois, respectivamente, a restauração da edícula da Casa do Sol.

Fonte: acervo pessoal da autora (2022, 2025).

Fotografias que mostram o antes e o depois, respectivamente, a restauração da entrada da edícula da Casa do Sol.

Fonte: acervo pessoal da autora (2022, 2025).

Considerações Finais

Os resultados demonstram a importância da restauração em sua essência, desde o projeto arquitetônico até a corporificação das obras, ocorrendo com a reutilização de materiais que já compunham a casa, além de adaptações para denunciar as mudanças das necessidades através do tempo, como a promoção da acessibilidade por intervenção de quartos maiores, rampas, banheiros e áreas de lazer, reflexão e trabalho - conforme objetivo da casa como residência artística. Outrossim, a fenomenologia como método mostra-se ao longo da teoria e da prática geográfica, manifestando o espaço construído enquanto lar e residência como parte da

vida e da memória de um indivíduo e todos aqueles que o rodeiam; as representações por vias filosóficas, arquitetônicas e artísticas reúnem um dispositivo de visualização da geografia para além da escrita acadêmica, ou seja, também na fotografia e na documentação da história contada e vivenciada. A fenomenologia na geografia é uma abordagem que se distancia da visão objetiva do espaço, focando na experiência humana, na percepção e na subjetividade. Ela busca entender como as pessoas sentem, vivem e dão sentido aos lugares, que deixam de ser meros espaços físicos para se tornarem lugares carregados de significados pessoais e coletivos. Essa ideia de dar sentido às coisas e ao mundo é central. Para a fenomenologia, os objetos não têm um significado intrínseco, ele é construído a partir de memórias, experiências e interações. A obra da escritora Hilda Hilst ilustra essa relação na qual um algo como a sua própria casa se torna um portal para o sagrado, o absurdo ou a manifestação do seu ser. A Casa do Sol é, nesse sentido, um exemplo de como um espaço físico se transforma em um patrimônio de sentido. A preservação de lugares como a casa de Hilda não se resume a manter a arquitetura, mas a conservar a memória, a identidade e os significados que a autora atribuiu a cada canto. Isso demonstra uma evolução na ideia de patrimônio, que passa a ser visto não como algo estático, mas como uma herança viva, cheia de subjetividade e de memória afetiva.

Referências Bibliográficas

Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas - CONDEPACC. Bens tombados em Campinas. Processos de tombamento - N° 02/11 Casa do Sol. Disponível em: https://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/patrimonio/bens-tombados/verBem.php?id=268 Acesso em: outubro 2023.

Portal Cultura Campinas. Sobre o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc). Disponível em: https://portalcultura.campinas.sp.gov.br/estrutura/gs/cspc/sobre-condepacc#:~:text=O%20CONDEPACC%20foi%20criado%20pela. Acesso em: outubro 2023.

Prefeitura Municipal de Campinas. Cultura > Governo. Disponível em: https://www.campinas.sp.gov.br/governo/cultura/conselho-cultura-condepacc.php. Acesso em: outubro 2023.

Kazantzákis, Níkos. Relatório ao Greco. Rio de Janeiro: Editora Cassará, 2014.

Bachelard, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Zafalão, J. L. D. Patrimônio Histórico e Cultural. Campinas, SP: RIDPHE R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo, 2016 v. 2, n. 3, p. 211–214. DOI: 10.20888/ridphe_r.v2i3.9267. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/9267. Acesso em: outubro 2023.

Frémont, Armand. A REGIÃO, ESPAÇO VIVIDO. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. p. 144-219.

ANDRÉ , L. C. ., & VITTE , A. C. A questão da representação visual em Geografia. Um breve comentário sobre as imagens e os imaginários. Revista Foco, 16(02), e892. Disponível em: https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n2-039 Acesso em: março 2024

Husserl, Edmund. A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia. Porto Alegre, Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 1996.

Motta, Lucas Joaquim da. A Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. São Paulo, Primeiros Escritos 11, 2021. p. 212-231.

Moreira, Daniel Augusto. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo, Pioneira Thomson, 2002.

Folgueira, Laura; Destri, Luisa. Eu e não outra: a vida intensa de Hilda Hilst. São Paulo, Tordesilhas, 2018.

Gomes, Paulo Cesar da Costa. O lugar do olhar. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

Hegel, G. Fenomenologia do Espírito. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1990.

Camargo, Ana Maria; Goulart, Silvana. Centros de memória. São Paulo, Edições Sesc São Paulo, 2015.

Hilst, Hilda. Da prosa/Hilda Hilst. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.